

Região de Turismo Leiria/Fátima
ROTEIRO CULTURAL

Cristina Nobre

Passeio nas Terras de Afonso Lopes Vieira

Nascido em Leiria em 26 de Janeiro de 1878, e falecido a 25 de Janeiro de 1946, em Lisboa, na sua casa do Largo da Rosa, Afonso Lopes Vieira foi um escritor charneira entre o decadentismo finissecular e as novíssimas tendências experimentadas à saciedade durante o primeiro quartel do século XX. Conheceu em vida a glória do reconhecimento público como homem de letras, intelectual de um escol que fez a defesa dos valores nacionalistas e de uma cultura caracteristicamente portuguesa, capaz de revelar o melhor de Portugal ao mundo.

Como escritor, a sua obra é vasta e abrangente — mais de uma vintena de títulos de poesia; uma dúzia de livros de prosa (entre a experiência narrativa e os ensaios); uma dezena de traduções, adaptações e restituições de obras fundamentais da e para a cultura literária de Portugal; meia dúzia de obras inaugurais para a infância; muitos dispersos (nos periódicos da época, reveladores de uma faceta de homem de acção e intervenção na *coisa pública*) — publicada sem interrupções durante as balizas cronológicas que oscilam entre a juventude, de aspirante a poeta consagrado (publica o primeiro livro, *Para Quê?*, em 1897, com apenas 19 anos), e a morte (aos 68 anos), glorificada em discursos laudatórios institucionais e inauguração de bustos.

Nos derradeiros anos, dedicou-se com mais visibilidade às *coisas da sua terra*. A conferência "Passeio nas minhas terras", pronunciada em 1940, na qualidade de primeiro Presidente da Assembleia Geral da Casa do Distrito de Leiria (cargo que ocupou de 1938 até ao fim dos seus dias), é um verdadeiro hino de louvor, gratidão e amor à região em que nasceu e onde se formou em grande parte a sua maturidade literária e de activista dos valores nacionais. Ao registar a fisiológica e psicossomática ligação a S. Pedro de Moel, Lopes Vieira tem perfeita consciência de quanto as teias dos lugares são amarras para a criação:

Decerto a gente fica apegado, não apenas por laços morais, mas por liames fisiológicos, aos lugares onde lhe decorreu infância e adolescência. Fui para Moel desde a idade de um ano, ao colo da minha Mãe [...]. (*Nova demanda do Graal*, 1942: 246)

Viajemos, pois, pelas *Terras de Afonso Lopes Vieira*.

Fotografias sugeridas: foto de ALV menino (28) e ALV maduro (7)

1. LEIRIA e CORTES

Nem todos os laços afectivos actuaram do mesmo modo sobre o escritor. Se a sensibilidade poética de Lopes Vieira germinou, amadureceu e envelheceu à sombra do tutelar Pinhal de Leiria, a sua raiz de delicado e interveniente homem da cultura do tempo não podia esquecer Leiria, a cidade onde nasceu e à qual voltou sempre com a regularidade de um amante convicto, e muito menos Cortes, aldeia onde a sua formação se iniciou.

Em casa do tio-avô, António Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896), aprendeu a ler os Clássicos, numa biblioteca recheadíssima que havia de herdar e legar, depois, ao município de Leiria. O ambiente da casa do tio acabou por condicioná-lo toda a vida e o poema *Memorial*, do seu último livro de poesia, é uma boa prova disso:

Êrmo, que queres?
A. X. RODRIGUES CORDEIRO

Meu velho tio-avô era bondoso
e poeta;
se me ponho a recordar,
como Walter de Stolzing eu diria:
— Foi meu bom tio-avô
quem me ensinou
a cantar!

[...] (*Onde a terra se acaba e o mar começa*, 1940: 25-8).

Neste confronto final, o poeta identifica o tio-avô como fonte originária do comum dom e trabalho da poesia, mas revela os medos e angústias associados a uma casa onde se desenrolou uma tragédia (a mulher de Rodrigues Cordeiro morreu tragicamente queimada no corredor da casa) e onde Lopes Vieira ultrapassou o voluntário, mas não menos sofrido, exílio dos anos 30, um local onde a demência do tio vem dar razão à fogacidade do adolescente-poeta para quem só o esplendor da juventude se aproximaria da sublimidade divina, ou da pura estesia. Talvez por isso mesmo, numa última tentativa de se reconciliar com a casa das memórias, o escritor concebe, em 1931, o sonho projectivo e construtivo de transformar a sua casa das Cortes numa Escola que honrasse o nome do tio-avô.

Leitor exímio e persistente, toda a vida rodeado de livros e de projectos de novos livros, dedicado à constante e insubstituível causa da arte e da beleza, Lopes Vieira foi também conferencista de renome, orador de artísticas causas, ensaísta no qual se espelhou uma vontade de agir pela palavra e de chegar ao público concreto. A maior parte dos seus discursos foram publicados, mas algumas conferências encontram-se ainda manuscritas. É o caso do texto sem título, a que poderemos chamar *Glórias de Leiria* [GL], claramente uma conferência, onde se assiste à rotação de Lopes Vieira para o regionalismo, a "piquena pátria dentro da Pátria grande" [GL: 33].

Neste texto, são enaltecidas as três glórias de Leiria — o Castelo, o poeta Francisco Rodrigues Lobo e o herói Mousinho de Albuquerque — a coberto de um programa de comemorações das "Festas do Duplo Centenário e Exposição Distrital de Leiria de 1940". Pugnando por um aproveitamento de tudo quanto é específico dos portugueses — seja a reprodução dos versos de *Os Lusíadas*, alusivos aos diversos topónimos das regiões portuguesas, seja a utilização do lioz, pedra da região de Leiria, na construção do monumento a Rodrigues Lobo — Lopes Vieira prossegue em Leiria

o seu programa apostólico de esteta, numa defesa actualíssima de valores ambientalistas e ecologistas perfeitamente enquadráveis e defensáveis no século XXI.

Passados nove anos sobre a morte de Lopes Vieira, Leiria tinha conseguido reunir as condições que lhe permitiam receber a livraria pessoal do escritor, herança que honrava a cidade e cuja memória cultural continuará a engrandecê-la. Provavelmente como forma de reconhecimento ao poeta pelo muito que a cidade lhe devera em vida e continuaria a dever tempo fora, Horácio Eliseu propôs à Câmara a realização de uma singela homenagem a Lopes Vieira que glorificasse a obra do autor dedicada às crianças. Em 1949 apresenta um projecto de construção de um Jardim Infantil, com uma pequena Biblioteca das obras infantis de Lopes Vieira, ajardinado exteriormente com as figuras do livro de 1911, *Animais Nossos Amigos*, figuras esculpidas em pedra, fundidas em bronze e desenhadas em painéis por Anjos Teixeira Filho (cujo processo se encontra arquivado no Arquivo Municipal de Leiria, com o n.º 82 de 1949, onde constam a carta de apresentação de Horácio Eliseu e as plantas com o alçado do projecto). O projecto obteve aceitação, efectivou-se e, a 30 de Abril de 1955, no mesmo dia em que se inaugurava a Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, fazia-se uma festa dedicada às crianças no Jardim Infantil Afonso Lopes Vieira.

Ao longo dos últimos cinquenta anos tem esse espaço cumprido uma função educativa, pedagógica e recreativa, continuando a acolher projectos relacionados com o incentivo à leitura e a animação cultural especialmente dedicados às crianças da cidade.

Fotografias sugeridas: foto de ALV c/ o tio-avô (101); planta (148) ou fotografia do Jardim dos Animais Nossos Amigos; foto do Castelo de Leiria; foto da estátua de Rodrigues Lobo, da autoria de Joaquim Correia

2. S. PEDRO DE MOEL

A obra de Lopes Vieira aparece estreitamente ligada à praia de S. Pedro de Moel, pequena localidade situada a cerca de 10km da Marinha Grande, rudimentar estância balnear no final do século XIX, quando a família do escritor terá começado a frequentar o local. Se, como refere na citada conferência, passou as primeiras férias em S. Pedro de Moel com apenas um ano de idade, isto é, desde 1879, é sabido que até ao Verão de 1946 nunca o escritor falhou uma única época de veraneio, embora por vezes entrecortasse os largos meses que iam de Abril ou Maio a Outubro ou mesmo Novembro, com estadias na casa das Cortes (sobretudo durante a época das vindimas), curtas viagens turísticas pelo país, ou mesmo algumas deslocações mais demoradas pelo estrangeiro.

S. Pedro de Moel vai aparecer assim como lugar de eleição e de culto, espaço propício à criação de uma obra e à sua íntima consagração, contrabalançando com Lisboa, palco para a recepção, divulgação e valorização públicas de uma estética florescida no ambiente fértil do lar marítimo. Da belíssima casa de S. Pedro, deitada sobre a praia como nau ancorada, casa que suscitava então, como agora, a curiosidade de todos os amantes de exemplares arquitectónicos em perfeita simbiose de enquadramento com o meio, o escritor esclarecia:

E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos. (*Nova demanda do Graal*, 1942: 242)

Na realidade, Afonso Xavier Lopes Vieira, pai do escritor, oferece a casa ao filho como presente do casamento realizado em 20 de Abril de 1902 com Helena de Aboim. O jovem casal passou aí a lua-de-mel, numa concretização da premonição feita pelo poeta numa ode do 1.º livro publicado, *Para Quê?*, em clara evocação do seu amor pela casa e numa antevisão da importância que atribuirá a este espaço durante toda a vida de escrita. Leia-se o excerto referido e atente-se na belíssima imagem da casa metamorfoseada em caderno — com *brancura de papel* — onde apetece ir escrevendo:

[...] *S. Pedro* ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capela no alto, com vidros de cores
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;
[...] (*Para Quê?*, 1897: 15-6)

Incrustrada na paisagem marítima e na tradição familiar de Lopes Vieira, a casa-nau adquire foros de objecto estético permeável ao envolvimento afectivo do seu proprietário. Pelos anos fora esta casa cumpriu os papéis de local privilegiado, onde a criação artística do poeta se desenvolveu harmoniosamente, e de centro de confluência de importantes personalidades da cultura portuguesa de então, até se transformar, por vontade testamentária do proprietário (doação por sua morte ou morte da esposa), em colónia balnear infantil para os filhos dos operários vidreiros, bombeiros e trabalhadores das Matas Nacionais, função que ainda hoje mantém.

Mas, se a génese de grande parte da obra poética de Lopes Vieira se pode encontrar na casa-nau de S. Pedro de Moel, não é menos importante a ênfase dada pelo próprio escritor ao espaço natural envolvente, as dunas e o Pinhal de Leiria, completando-se nesta bivalência do ambiente marítimo e florestal o *locus* genesíaco do escritor.

Quando, na referida conferência de 1940, desenvolvendo um pendor pedagógico e didáctico comum a grande parte da sua obra, explicitamente afirma o *enleio* de muitos dos seus poemas às *terras marinhas de Moel*, e coloca em destaque a divulgação por si encetada de D. Dinis e da temática do *verde pinho*, bem como a composição "Pinhal do Rei", de *Ilhas de Bruma* (1917), Lopes Vieira torna-se responsável por uma selecção impositiva. Até hoje, mantém-se como composição marcante da poética de Lopes Vieira:

Catedral verde e sussurrante, aonde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar,
ditoso o Lavrador que a seu contento
por suas mãos semeou este jardim;
ditoso o Poeta que lançou ao vento
esta canção sem fim...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
Rei Dom Dinis, bom poeta e mau marido,
lá vem as velidas bailar e cantar.

[...] (*Ilhas de Bruma*, 1917: 75)

Fotografias sugeridas: foto da Casa de S. Pedro (24); ALV c/ órgão de búzios (36); fotos do pinhal (51 ou 58 ou 66); estátua de ALV em S. Pedro, da autoria de Joaquim Correia

3. ALCobaça

Em Alcobaça encontrou Afonso Lopes Vieira um ambiente histórico e artístico de excepção, ao qual procurou dar projecção nacional e internacional. Interessado por todos os temas da cultura portuguesa, evidenciando preferência temática pelos mitos formadores de uma certa ideia de nacionalidade, e por todas as descobertas que pudessem contribuir para enaltecer o valor artístico da nação portuguesa, à iniciativa do poeta se ficaram a dever vários *Serões de Arte*, realizados na antiquíssima nobre vila, à *sombra do mosteiro*.

A 17 de Agosto de 1913 realizou-se o primeiro *Serão Literário* de Alcobaça, que o escritor fez questão de organizar minuciosamente, contando com a preciosa ajuda de Vieira Natividade, arqueólogo, escritor e etnógrafo, nascido em 1860 na localidade alcobacense de Casal do Rei, que realizou obra notável de índole regionalista, nomeadamente com trabalhos sobre a história e pré-história de Alcobaça e que se dedicou à interpretação iconográfica dos túmulos de D. Pedro e D. Inês. O serão inaugural contou com trechos camonianos, o último acto de *A Castro*, de António Ferreira, e o então inédito soneto sobre "Os Túmulos" (posteriormente incluído na obra *Ilhas de Bruma*), ditos pelo actor Augusto Rosa, dança, música e poesia pelas irmãs Alice e Maria Rey Colaço, serão durante o qual o escritor proferiu a conferência "Inês de Castro na Poesia e na Lenda", posteriormente integrada no volume de ensaios *Em demanda do Graal* (1922: 39-74).

Outros *Serões*, igualmente importantes, continuaram a realizar-se, entrecortados pela I Grande Guerra: Agosto de 1914; Julho de 1929; Agosto de 1930; 1931-1935; 1941. Em carta de 11 de Agosto, Lopes Vieira envia a Amélia Rey Colaço um prólogo, sob a forma de soneto inédito, para servir de eficiente e eficaz abertura ao serão de 1935, em que levou à cena, no adro do mosteiro, a representação de *A Castro* e, no claustro, do *Auto de Mofina Mendes*, pela empresa Rey Colaço-Robles Monteiro:

Na Estremadura, coração de Portugal,
Entre Mosteiros e Castelos e Memórias,
Alcobaça rebrilha entre as mais altas glórias
Dês que o Primeiro Afonso invocou Claraval.

[...] (*A Companhia Rey Colaço [...]*, 1989: 52-3)

Não podemos deixar de fazer uma referência ao romance *A Paixão de Pedro o Crú* [PPC], com uma primeira edição em 1940, logo seguida de outra três anos depois, numa clara demonstração das hesitações e dos aprofundamentos do interesse e das reflexões do escritor quanto à história dos túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro e à significação a atribuir-lhe.

À *sombra do mosteiro*, Lopes Vieira viveu mais de trinta anos obcecado com a defesa de um património cultural e empenhado em fazer chegar ao maior número possível de pessoas a dimensão estética, preocupação que lhe terá proporcionado uma profunda compreensão dos mitos nacionais e o terá predisposto, inclusivamente, a alargar a sua actuação às artes cinematográficas, tendo colaborado no filme *Inês de Castro*, de Leitão de Barros.

Fotografias sugeridas: foto do Mosteiro de St.^a Maria de Alcobaça (157) e foto dos túmulos de Pedro e Inês (169)

4. NAZARÉ

Nazaré! que prodígio este, aqui ao mesmo tempo encantador e confrangedor, o de podermos ver, numa época motorizada, em que as mãos dos homens para pouco mais servem que para ordenar os ritmos mecânicos, — que prodígio este de vermos diante de nós a vida de uma tribo primitiva, animada de heroísmo quotidiano que se ignora, amparada pela fé ardente em Deus!

Afonso Lopes Vieira, "Passeio nas Minhas Terras"(1940), *Nova demanda do Graal*, 1942: 252-3.

No último livro de poesia, Lopes Vieira deixa registado, sem margem para dúvidas e sem hesitações identificativas, a sua profunda ligação à província da Estremadura. No poema dedicado "À Senhora Maria Laranjo / da praia da Nazaré", o poeta irmana uma mulher, retirada do anonimato do povo, às *altas senhoras princesas*, fazendo um retrato circunstancial de uma figura roubada à banalidade da sua existência. Trata-se de um poema de circunstância, de agradecimento, à velha maneira camoniana, por um almoço que a mulher nazarena ofereceu ao poeta:

Minha boa Amiga senhora Maria
Laranjo, da praia da Nazaré,
em quem tanto admiro essa fidalguia
de um povo que na Europa o mais fino é,
muito agradecido pelo almoço Real
que aí me deu junto às ondas do mar;
tivera Camões comido um igual,
fazia-lhe versos, mas não a zombar.

[...] (*Onde a terra se acaba e o mar começa*, 1940: 37-8)

É provável que o profundo desejo de comunhão com as raízes populares, manifestado no poema tão abertamente por um *doutor* que falhou a sua *pura vocação* de *marinheiro*, tivesse nascido na sua juventude, quando passava temporadas na Nazaré e era convidado para ir nas embarcações em saídas para o mar com os pescadores. Saudoso do marinheiro-pescador que poderia ter sido, na Nazaré encontrou Lopes Vieira a *tribo primitiva* que lhe permitiu continuar a ter fé em Portugal.

Fotografias sugeridas: foto dos pescadores da Nazaré (175); ALV c/ Maria Laranjo (176) e ALV no barco dos pescadores (183).

Nota final: A numeração (entre parêntesis) das fotografias refere-se à edição do livro *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira*, 2003, Rota dos Escritores do séc. XX, que tomei como orientação. A maior parte das fotografias estão identificadas e pertencem ao espólio da Biblioteca Municipal de Leiria. No entanto, algumas das seleccionadas fazem parte do arquivo da região de Turismo Leiria/Fátima, pois me pareceu que isso pode facilitar o trabalho de integração.